

por Os amigos de Élisée Reclus • 9 de agosto de 2025

Élisée Reclus e os judeus

Link permanente: <https://monde-libertaire.net/index.php?articlen=8507>

Reação à transmissão de “Avoir raison avec Élisée Reclus” (Ter razão com Élisée Reclus), em 5 de agosto de 2025, na France Culture

Os leitores do *Monde Libertaire* certamente souberam que a France Culture transmitiu, de 4 a 8 de agosto, das 13h às 13h30, com reprise à noite, uma ambiciosa série em cinco episódios intitulada “*Avoir raison avec...*” (Ter razão com...), dedicada ao geógrafo e anarquista Élisée Reclus. Dois de nossos companheiros geógrafos, Federico Ferretti e Philippe Pelletier (1), foram convidados a participar desse programa, e suas intervenções foram transmitidas na segunda-feira, 4, e na quarta-feira, 6 de agosto.

Os ouvintes que desejaram ouvir o programa na íntegra puderam ouvir, na terça-feira, 5 de agosto, a intervenção de Béatrice Giblin, geógrafa e diretora da revista *Hérodote*. Essa intervenção, também muito interessante quando se trata de evocar a contribuição de Reclus para a geografia de seu tempo, e particularmente para a geopolítica, derrapa repentinamente quando a produtora, Marie-Lys de Saint Salvy, pergunta (por volta dos 25 minutos do podcast): “*Sua obra é colossal, podemos esperar contradições...?*” E Béatrice Giblin respondeu à pergunta que provavelmente esperava: “*Sim, sim, em particular a questão judaica, e isso é uma verdadeira contradição. Mas ele é um homem do século XIX, e a esquerda, anarquista ou não, marxista, sempre foi um pouco antisemita, vendo os judeus como banqueiros, portanto como capitalistas...* Béatrice Giblin continua afirmando que há páginas antisemitas em Élisée Reclus, sem citar quais, é claro.

Cada um pode formar sua própria opinião ouvindo o restante da entrevista no link a seguir:

<https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/avoir-raison-avec/geographe-du-peuple-quand-la-geographie-devient-politique-8479043>

Élisée Reclus seria antisemita, segundo Béatrice Giblin?

No que diz respeito a Élisée Reclus, Giblin não é novata, já que fez comentários semelhantes em 2023, no programa “*Concordance des temps*”, no qual foi convidada de Jean Noël Jeanneney.

Ouçá aqui:

<https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/concordance-des-temps/elisee-reclus-la-terre-et-les-hommes-2520189>

Béatrice Giblin dedicou sua tese de doutorado em geografia a Élisée Reclus em 1971. Surpreendentemente, foi somente em 2005 que o suposto antissemitismo de Élisée Reclus apareceu em seus textos. Na sequência dessas alegações, nunca documentadas, mas porque lançam suspeitas sobre uma figura importante do nosso movimento e do nosso pensamento, Federico Ferretti, Philippe Pelletier e Philippe Malburet empreenderam, com o rigor que lhes é próprio, ou seja, indo às fontes, aos textos publicados e à correspondência, a publicação de dois documentos.

- Um artigo publicado em 2011 numa das mais prestigiadas revistas francófonas de geografia, disponível online e de acesso livre.

<https://journals.openedition.org/cybergeo/23467>

- E, em 2017, um livro, *Élisée Reclus et les juifs* (Élisée Reclus e os judeus), ainda disponível nas edições L'Harmattan.

Uma refutação em três pontos

Aqui estão pelo menos três argumentos que contrariam essa acusação falsa e escandalosa, mas há outros que podem ser encontrados nas duas publicações citadas acima.

1) Sobre o Decreto Crémieux de 24 de outubro de 1870, que declara cidadãos franceses os “israelitas indígenas” da Argélia, Élisée Reclus escreve que isso “*testemunha uma evolução considerável e não é totalmente errado que o Registro Civil confunda, na maioria dos registros municipais, os filhos dos franceses com os dos israelitas*” (tomo XI sobre *L’Afrique septentrionale de la Nouvelle géographie universelle*, 1886

2) “O antissemitismo é sobretudo uma rivalidade vil e, desde logo, moralmente condenável, uma vez que não invoca nenhum princípio de justiça”: carta de Élisée Reclus de 22 de abril de 1898, publicada pela revista *Les Droits de l’Homme* e republicada *in extenso* em 1899 por Henri Dagan em sua obra *Enquête sur l’antisémitisme* (1899).

3) Esta carta de Élisée Reclus foi redigida na sequência de uma pergunta da revista sobre a sua posição relativamente ao Caso Dreyfus, que, recorde-se, foi lançado por um anarquista, Bernard Lazare (ele próprio relacionado com Élisée Reclus), que defendeu o capitão, antes mesmo de Émile Zola.

A refutação é, portanto, completa e documentada, e os três autores concluem com esta frase: “*Diante dessa avalanche de evidências, podemos afirmar que o qualificativo de antissemita não pode ser aplicado de forma alguma à figura de Élisée Reclus nem à sua obra.*” Não podemos, portanto, deixar de desejar que Béatrice Giblin, como acadêmica rigorosa, tenha o cuidado de ler um ou outro desses dois textos.

Acusações infundadas que levantam questões

Outra questão permanece, além do caso específico de Élisée Reclus, que é a da mistura pouco científica que permite à geógrafa convidada pela France Culture afirmar que “(...)

a esquerda, anarquista ou não, marxista, sempre foi um pouco antissemita (...)”. Há motivos para nos indignarmos com tanta falta de rigor e nos perguntarmos quem é o alvo. Essa “*esquerda*” tão vaga do século XIX não seria sempre aquela, em seus constituintes do século XXI, que se desqualifica oportunamente sempre que emite a menor crítica (e às vezes muito tímida) à política e aos crimes perpetrados pelo Estado israelense?

Como anarquistas, pouco nos importamos em ser de esquerda ou de qualquer tendência parlamentar. No entanto, para o público e os não especialistas, as afirmações caluniosas de Béatrice Giblin ressoam de forma muito agressiva no contexto político e midiático atual. Há aí um clima que permite todas as generalizações e apresenta facilmente o movimento operário e a esquerda como definitivamente antissemitas. Se é preciso respeitar o trabalho dos historiadores sobre certos vestígios perturbadores, não se deve deixar passar afirmações sem referências precisas. Especialmente quando opiniões políticas se disfarçam de conhecimento para se legitimar num contexto terrivelmente divisivo... Hoje, como sempre, o primeiro dever dos revolucionários é informar-se e informar... e há muito trabalho a fazer!

Os amigos de Élisée Reclus

(1) Ambos coordenadores, com Pauline Couteau e Nicolas Eprendre, do abecedário *Élisée Reclus, les 101 mots* publicado pela Les Presses du Réel em setembro de 2024.